



José Gabriel Avila\*  
jgazores@gmail.com

## Estratégia para recuperar população

*“O caminho que devemos seguir para encontrarmos novas e melhores saídas para a crise económica e demográfica é, sobretudo, mais e melhor educação e formação profissional, economia sustentável e amiga da natureza e do ambiente, mais investigação científica e desenvolvimento da sociedade da informação.”*



Este penoso e lento impasse no retomar da atividade económica, que irá arrastar-se por muitos meses, deve ser um tempo de reflexão e análise, para que não se cometam, de novo, erros que poderiam ter sido evitados. Não me refiro, apenas, ao arquipélago, dependente de fatores exógenos que condicionam sobremaneira a pequena e débil economia, mas sobretudo às forças dominadoras da economia mundial, orientadas pelo lucro a qualquer preço, sem atenderem nem à dignidade das pessoas, nem à preservação da natureza e do meio ambiente que nos envolve.

Destes pressupostos resultaram injustiças graves, fissuras entre países ricos e pobres, tensões crescentes entre povos e raças, discriminações, xenofobias e tantas tensões sociais que não promovem o entendimento, mas a expansão de lutas e guerras intermináveis.

Da injustiça não advém nada de bom. É no respeito mútuo que as sociedades evoluem e não na conflitualidade, como todos os dias acontece.

Confinados a estas nove ilhas, estamos sujeitos ao decréscimo populacional que, de 2011 a 2018 nos levou cerca de 4 mil residentes (1.034 pessoas de São Miguel, 1.233 da Terceira, 612 de São Jorge, 449 do Pico e 424 do Faial).

Temos pela frente grandes e novos desafios, o maior dos quais é sabermos que tipo de economia pretendemos para viver felizes aqui. Terá um outro paradigma, certamente, que releve a qualidade ambiental e a paisagem que nos rodeia - filão importante para atingirmos um diferente patamar de desenvolvimento.

Num estudo recente efetuado por investiga-

dores da Universidade dos Açores, a pedido do Conselho Económico e Social, intitulado: “Caracterização da Dinâmica Demográfica Recente dos Açores e das Qualificações da População. Cenários de Evolução até 2030 e Estratégias para o Desenvolvimento Económico, Social e Recuperação Populacional das Ilhas Açorianas” após uma minuciosa análise ao universo açoriano conclui-se que «a população [do arquipélago] não necessita de ser numerosa, mas sim qualificada. Esta qualificação não deve ser levada a cabo unicamente num período pré-determinado, mas ao longo de uma vida, que se insere numa sociedade em constante mudança».

Esta é uma das propostas para um novo quadro social que se pretende corrija as distorções existentes em sociedades menos desenvolvidas, sujeitas à perda de população.

Já não estamos nos anos 60 do século passado, nem a emigração é agora a solução para as crises sociais que sofremos. As portas dos EUA e Canadá, que se abriram a visitantes temporários, que se transformaram em clandestinos, também já não são apetecíveis, pois a pandemia tanto existe cá como lá e naqueles países os cuidados de saúde públicos são deficientes e inoportáveis.

A solução, acrescenta o estudo, passa, mais uma vez, por um grande esforço na educação, na formação profissional, na valorização pessoal e coletiva, para que possamos responder à nova revolução da robótica, da sociedade da informação, que se vai traduzir em teletrabalho, fazendo com que os melhor preparados, sejam nacionais ou estrangeiros, possam fixar-se, nesta ou naquela ilha

e, como propõe o estudo atrás referido, aumentem a população residente e respondam às necessidades básicas da saúde.

O novo ensino à distância em que crianças e jovens tiveram de adaptar-se, embora numa aprendizagem forçada, dadas as circunstâncias, provou ser um meio adequado à educação e à formação profissional, face aos tratamentos sanitários a que a humanidade estará mais sujeita.

Por tudo isto tem de haver um maior dinamismo dos parceiros sociais: empresas, sindicatos, trabalhadores, agentes da educação e do ensino, instituições públicas, organismos cívicos e culturais, no sentido de dotarem os cidadãos em idade ativa das competências necessárias a um melhor desempenho das suas funções sociais.

Ainda recentemente o Governo dos Açores disponibilizou apoios financeiros para ações de formação destinadas a trabalhadores de empresas privadas, em situação de “lay-off”, envolvendo também o setor social. A iniciativa merece-me aplauso, mas, infelizmente, não a vi replicada pelas entidades visadas, sempre tão listas em reclamar apoios financeiros para a qualificação de ativos...

Chegam-me, porém, notícias de atitudes reprováveis de empresários que efetuam, discricionariamente, despedimentos de trabalhadores pagos por programas ocupacionais, sem a intervenção da inspeção do trabalho.

Não é de agora a aversão de empregadores ao recrutamento de pessoal sem formação e qualificação profissional. Escolher “pessoal para toda a obra”, nomeadamente para funções que extravasam a competência das funções, favorece baixos salários e situações de injustiça encoberta. Ao contrário, trabalhadores competentes e com bom desempenho proporcionam melhores negócios e ganhos de produtividade às empresas.

Se aplicarmos estes conceitos à atividade turística, constata-se que muitas das novas iniciativas empresariais foram tomadas por empresários com habilitações académicas de grau superior.

O caminho que devemos seguir para encontrarmos novas e melhores saídas para a crise económica e demográfica é, sobretudo, mais e melhor educação e formação profissional, economia sustentável e amiga da natureza e do ambiente, mais investigação científica e desenvolvimento da sociedade da informação. É este o modelo de sociedade que atrai investidores e investigadores de que tanto carecemos.

Se assim for, estancar-se-á a hemorragia demográfica seja em São Jorge, nas Flores, na Terceira, no Pico ou em São Miguel.